



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

O RACISMO RELIGIOSO E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL

RELIGIOUS RACISM AND CRITICAL INTERCULTURALITY MONG THE GUARANI AND KAIOWÁ IN MATO GROSSO DO SUL

EL RACISMO RELIGIOSO Y LA INTERCULTURALIDAD CRÍTICA ENTRE LOS GUARANI Y LOS KAIOWÁ EN MATO GROSSO DO SUL

Artigo recebido: 05/11/2025

Artigo aceito: 01/12/2025

Roberto Chaparro Lopes¹

RESUMO

O racismo religioso é um fenômeno que causa a perseguição e subalternização de práticas religiosas de determinados grupos que já são subalternizados socialmente. Essa perseguição se baseia devido à raça e a cultura que pertencem e não à prática em si. O conceito de interculturalidade crítica propõe uma problematização da noção original do conceito de interculturalidade, diante das assimetrias de poder que incidem sobre as culturas. O objetivo deste trabalho é analisar o racismo religioso sofrido pelos povos indígenas Guarani e Kaiowá em um diálogo com a interculturalidade crítica. Para isso, explora-se a atuação da Grande Assembleia das Mulheres Guarani e Kaiowá na divulgação e combate aos casos e a ação dos rezadores e rezadoras diante dos ataques de grupos neopentecostais. Os dados apresentados são dados oriundos de dissertação de mestrado defendida neste ano, e obtidos por meio de pesquisa documental, realização de trabalho de campo e observação participante. Observa-se que a atuação do coletivo indígena estudado e dos rezadores e rezadoras na divulgação e combate do racismo religioso vão ao encontro do que se entende como interculturalidade crítica, buscando a defesa de seus modos de existir, afirmação identitária e mobilização de apoio dos não-indígenas para suas lutas.

Palavras-chave: Indígenas; Resistência; Mediativismo; Colonialidade.

¹ Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD E-mail: robertochaparro10@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2064-5610>

ABSTRACT

Religious racism is a phenomenon that causes the persecution and subordination of religious practices of certain groups that are already socially subordinated. This persecution is based on race and culture rather than on the practice itself. The concept of critical interculturality proposes a problematization of the original notion of interculturality, given the power asymmetries that affect cultures. The objective of this work is to analyze the religious racism suffered by the Guarani and Kaiowá indigenous peoples in a dialogue with critical interculturality. To this end, we explore the role of the Great Assembly of Guarani and Kaiowá Women in publicizing and combating cases and the actions of prayer leaders in the face of attacks by neo-Pentecostal groups. The data presented are from a master's thesis defended this year and obtained through documentary research, fieldwork, and participant observation. It is observed that the actions of the indigenous collective studied and of the prayer leaders in publicizing and combating religious racism are in line with what is understood as critical interculturality, seeking to defend their ways of life, affirm their identity, and mobilize support from non-indigenous people for their struggles.

Keywords: Indigenous peoples; Resistance; Media activism; Coloniality.

RESUMEN

El racismo religioso es un fenómeno que provoca la persecución y la subordinación de las prácticas religiosas de determinados grupos que ya están socialmente subordinados. Esta persecución se basa en la raza y la cultura a las que pertenecen y no en la práctica en sí. El concepto de interculturalidad crítica propone una problematización de la noción original del concepto de interculturalidad, ante las asimetrías de poder que inciden sobre las culturas. El objetivo de este trabajo es analizar el racismo religioso que sufren los pueblos indígenas guaraní y kaiowá en un diálogo con la interculturalidad crítica. Para ello, se explora la actuación de la Gran Asamblea de Mujeres Guaraní y Kaiowá en la divulgación y la lucha contra los casos y la acción de los rezadores y rezadoras ante los ataques de los grupos neopentecostales. Los datos presentados proceden de una tesis de maestría defendida este año y se obtuvieron mediante investigación documental, trabajo de campo y observación participante. Se observa que la actuación del colectivo indígena estudiado y de los rezadores y rezadoras en la divulgación y la lucha contra el racismo religioso se ajusta a lo que se entiende por interculturalidad crítica, buscando la defensa de sus modos de existencia, la afirmación de su identidad y la movilización del apoyo de los no indígenas para sus luchas.

Palabras clave: Indígenas; Resistencia; Mediativismo; Colonialidad.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o racismo religioso sofrido pelos povos indígenas Guarani e Kaiowá em um diálogo com a interculturalidade crítica. A partir disso explora-se como este coletivo enfrenta este problema no interior de seus territórios, pela divulgação dos casos nas redes sociais, pela produção de documentos e atuação de seus rezadores, interpretados por meio do conceito de interculturalidade. Tal discussão propõe discorrer à respeito deste fenômeno diante do contato com o mundo não-indígena.

O trabalho tem ainda como objetivos secundários apresentar uma contextualização do conceito de racismo religioso e de que modo o fenômeno se manifesta contra os Guarani e Kaiowá. Para definir o termo o texto serve-se principalmente do professor e linguista Sidnei Nogueira (2020). Ainda, por meio da transcrição de relatos e casos publicizados pela Grande Assembleia das Mulheres Guarani e Kaiowá (*Kuñangue Aty Guasu*), exemplifica-se como o racismo religioso toma forma entre este coletivo indígena e as principais consequências que ele acarreta entre estes povos.

Adiante, apresenta-se o conceito de interculturalidade. Para tal, recorre-se a trabalhos como os de Clérico, Leite e Gaspar (2020) e Melià (2002), que buscam uma definição a respeito da conceituação. Propõe-se uma crítica e subversão da noção clássica e liberal de interculturalidade em uma leitura descolonial, compreendendo a contextualização histórica da colonização e a manutenção da ordem de poder da colonialidade na relação entre culturas. Nesse ponto, lança-se mão de autores como Walsh (2007), Cavalcante (2019) e Estermann (2019), na apresentação e discussão da interculturalidade crítica.

Também se propõe analisar a atuação da *Kuñangue Aty Guasu* – Grande Assembleia das Mulheres Guarani e Kaiowá - como um expoente de *resistência* tradicional e *ancestral* dos Guarani e Kaiowá diante da violência do racismo religioso, mas que encontra em componentes da modernidade e dos não-indígenas, meios de lutas, como as redes sociais, publicação de relatórios, além de levar demandas às instituições como a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, dentre outros. Busca-se, ainda, expor a atuação ancestral dos rezadores e rezadoras no enfrentamento ao racismo religioso, seja por meio de rezas, cantos, rituais e interlocução com as divindades Guarani e Kaiowá.

A metodologia compõem-se de etnografia digital junto às páginas no Instagram do movimento indígena Guarani e Kaiowá, especialmente da *Kuñangue Aty Guasu*, levantando

O RACISMO RELIGIOSO E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 19 volume 2. Ano: 2025 - ISSN: 1982-3800



casos de racismo religioso publicizados pelo perfil e pesquisa documental junto aos relatórios “Intolerância religiosa, racismo religioso e casas de rezas Kaiowá e Guarani queimadas” e “O Racismo e a Intolerância Religiosa: as sequelas de invasões (neo)pentecostais nos corpos territórios das mulheres Kaiowá e Guarani/MS”, produzidos pela *Kuñangue Aty Guasu*. Junto a isso, também foram realizados trabalhos de campo nos *tekoha* da Aldeia Jaguapiru, no município de Dourados, e, no *tekoha* Tey Kuê, no município de Caarapó-MS, ambos localizados no estado de Mato Grosso do Sul.

O texto está organizado, além desta introdução, de mais três partes. A seção “Metodologia” expõe de forma detalhada o percurso metodológico seguido para a obtenção dos dados empíricos expostos². Na seção “O racismo religioso vivenciado pelos Guarani e Kaiowá” é exposta uma definição de racismo religioso e como são as principais conformações deste fenômeno entre o povo estudado. Já no item “O conceito de interculturalidade crítica” é apresentado o conceito de interculturalidade crítica e discorrido sobre sua atribuição ao contexto latino americano. O tópico “A atuação intercultural da Kuñangue Aty Guasu” explora a importante atuação da Kuñangue Aty Guasu na divulgação e combate aos casos de racismo religioso estudados, bem como seu caráter intercultural. Ainda, a seção “A interculturalidade presente entre os rezadores tradicionais e suas relações com as igrejas evangélicas” são apresentados casos relacionados ao trabalhos de campo realizados na pesquisa de mestrado que baseia este trabalho e discutidos à luz da interculturalidade crítica.

Por fim, apresentamos as considerações finais que sinalizam que a luta e resistência dos Guarani e Kaiowá diante dos casos de racismo religioso abarcam da utilização do diálogo intercultural crítico com não-indígenas como ferramenta de luta para defesas de seus modos de existir, afirmação identitária e mobilização de apoio dos não-indígenas para suas lutas e reivindicações.

METODOLOGIA

Os dados expostos neste trabalho são frutos de três anos da pesquisa de mestrado e representam resultados parciais dos expostos na dissertação. A pesquisa de mestrado propôs-se

² Os dados expostos neste artigo são resultados da dissertação de mestrado intitulada “Entre o *xiru* e a bíblia: a territorialidade do racismo religioso contra as práticas espirituais tradicionais dos Guarani e Kaiowá no extremo sul de Mato Grosso do Sul” defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – PPGG-UFGD em setembro de 2025.

à verificar a existência do racismo religioso contra os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul e como este fenômeno ocorre, sua forma de territorialização entre estes povos. Entre os casos de racismo religioso que foram estudados na pesquisa, optou-se por explorar neste texto 16 deles, que foram coletados por meio de denúncias da página do Instagram da *Kuñangue Aty Guasu* (@kunangueatyguasu) e da *Midia Kaiowá* (@midiakaiowa).

Estes casos foram acessados por meio da etnografia digital, conforme proposta por Ferraz (2019). Entendendo a etnografia como a ação de observação de uma determinada cultura, a etnografia digital se propõe a observar o funcionamento de grupos, culturas e sub-culturas no ambiente virtual (FERRAZ, 2019). Sendo assim, a etnografia digital nasce a partir da necessidade empírica de se estar sempre atento aos movimentos e transformações do mundo, bem como em novas maneiras de coletar e construir dados. Esta necessidade se torna ainda mais forte com o advento das redes sociais e plataformas móveis, que passam a gerar diariamente quantidades gigantes de relações entre sujeitos, inclusive entre grupos e indivíduos que antes das redes teriam pequenas chances de interagirem devido às distâncias geográficas que o mundo digital dinamiza. Assim, a etnografia junto às interações digitais permitem o acesso a um campo de dados e informações que se encontra em constante movimento (MAUSS, 1993 *apud* FERRAZ, 2019).

Ferraz (2019) reflete ainda que as interações entre perfis e páginas nas plataformas digitais não deixam de ser interações humanas, uma vez que o digital se sustenta sobre uma realidade material. O autor acentua ainda que uma vez que a tecnologia é moldada pelas interações e possibilidades sociais que a envolve, as interações e dados produzidos no ambiente de plataformas digitais são dados que refletem a sociedade que as utilizam, fornecendo assim dados e informações à respeito da cultura que fazem parte (MACKENZIE; WAJCMAN, 1999 *apud* FERRAZ, 2019). O mesmo autor reflete também quanto ao caráter do ser sem estar, que envolve as interações por plataformas sociais e que reforça o seu argumento. Assim, para o autor:

A internet se apresenta como um objeto de estudo passível de ser analisado por diversos prismas, permitindo a produção de teoria reflexiva aos pontos centrados pelos estudos etnográficos. Isso possibilita que as tecnologias digitais possam ser pensadas contextualmente em torno dos nexos culturais e suas apropriações (FERRAZ, 2008, p. 55).

O trabalho de coleta de dados junto a este perfil *online* se deu durante o mês de fevereiro de 2024, e correspondeu às publicações realizadas pela página e selecionar àquelas que diziam respeito à exposição de casos de racismo religioso. Após isso, as publicações selecionadas tiveram seus textos decodificados a partir das técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), e foram sistematizados em uma planilha de *excel* com as informações de: data do caso, aldeia em que ocorreu, município, descrição do caso e *link* de acesso. A descrição do caso foi mantida a original utilizada pela página na legenda da publicação, de forma a preservar a mensagem transmitida pela postagem.

Concomitante a isso, também foi realizada pesquisa documental em dois documentos produzidos pela *Kuñangue Aty Guasu* em que a organização sistematiza um conjunto de informações à respeito do racismo religioso contra seus rezadores e expõe como a questão é vivenciada e pensada pelos Guarani e Kaiowá. A entidade aponta que tais relatórios foram produzidos após um intenso trabalho junto aos *tekoha* em Mato Grosso do Sul, levantando informações por da realização de trabalhos de campo:

Durante os dias 7, 8 e 9 de fevereiro de 2022, a Kuñangue Aty Guasu (Grande Assembleia das Mulheres Kaiowá e Guarani), o Observatório da Kuñangue Aty Guasu (O.K.A), a Defensoria Pública da União (DPU) e a Defensoria Regional de Direitos Humanos (DRDH) percorreram três diferentes territórios Kaiowá e Guarani, nomeadamente: 1) Reserva Indígena de Amambai; 2) Terra Indígena Rancho Jacaré; 3) Retomada Itay Ka'agwyrusu (KUÑANGUE ATY GUASU, 2023, p. 38).

O acesso a tais matérias permitiu não somente acompanhar às discussões a respeito da temática entre os Guarani e Kaiowá, mas também verificar o prosseguimento de alguns casos e algumas ações tomadas pela *Kuñangue Aty Guasu* em relação à situação.

Ainda, durante a pesquisa de mestrado, foram realizados dois trabalhos de campo junto aos territórios tradicionais dos Guarani e Kaiowá. Em 9 de junho de 2025 foi visitado o *tekoha* Jaguapiru, em Dourados-MS, ocasião em que foram visitados a rezadora Floriza e o rezador Jorge, para uma conversa livre sobre a temática do racismo religioso no território. Já no dia 10 de junho de 2025 foi realizado trabalho de campo no *tekoha* Tey Kuê, em Caarapó-MS, em que foi visitado o rezador Lídio, para uma conversa a respeito dos desafios que um

rezador tradicional Guarani e Kaiowá enfrenta na manutenção da cultura e as estratégias que utiliza diante de tais dificuldades e ameaças como o racismo religioso.

Por fim, o trabalho de campo foi guiado pelas técnicas de observação participante, que conforme Campos, Silva e Albuquerque (2021), consiste em uma maneira do pesquisador atuar no campo não apenas como um mero espectador, mas se colocando de forma ativa junto ao grupo observado. Desse modo, é possível ampliar a capacidade de acesso às informações, inclusive simbólicas e afetivas, fenômenos que em muitos momentos, por exemplo, como de entrevistas pontuais e agendadas, não consegue acessar (MINAYO; *et al*, 2002).

O RACISMO RELIGIOSO VIVENCIADO PELOS GUARANI E KAIOWÁ

Aquilo que se entende por racismo pode ser compreendido como um dispositivo de manutenção de poder por parte de um grupo em detrimento de outros, baseando-se para isso em diferenças fenotípicas e culturais. O racismo se orienta a partir de uma lógica de dominação, em que o grupo dominador define e estabelece os padrões de comportamentos, subjetividades e territorialidades que são “aceitáveis” em detrimento de outros, dos dominados (ALMEIDA, 2019; NOGUEIRA, 2020). No Brasil, o racismo se voltou especialmente na dominação de negros e indígenas.

Com essa compreensão, o conceito de racismo religioso pode ser entendido como um elemento da lógica de dominação racista, voltada para a repressão, destruição e descredibilização das práticas espirituais e religiosas dos grupos subalternizados. Assim, é o sagrado do Outro que é profanado. Ele atua deslegitimando práticas e crenças dos grupos racializados, causando invalidação e desumanização a estes sujeitos e coletivos. Ataca-se o espiritual da cultura, não por uma fundamentação “meramente” religiosa no princípio, mas, no fundo, devido à cultura que ela se vincula, vista como “inferior”, “bestial”. Desse modo, diante do caráter desumanizador que o racismo cria, passa-se a atacar toda e qualquer manifestação proveniente da cultura subalternizada, seja ela espiritual, artística, intelectual, etc.

Expandindo a compreensão, Nogueira (2020, p. 63) entende o conceito como algo que:

Quer matar existências, eliminar crenças, apagar memórias, silenciar origens. É a existência dessas epistemologias culturais pretas que reafirmam a existência de corpos e memórias pretas. É a existência dessas epistemologias pretas que evidenciam a escravidão como crime e o processo de desumanização de memórias existenciais pretas. Aceitar a crença do outro, a cultura e a episteme de quem a sociedade branca escravizou é assumir o erro e reconhecer a humanidade daquele que esta mesma sociedade desumanizou e matou. Isso posto, estamos em um processo de subalternização do outro. O papel da subalternização que leva ao epistemicídio e ao apagamento daquilo que a hegemonia não suporta ver vivo, humano e verdadeiro. No seio da negação de conhecimentos, saberes e culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental está a colonialidade do poder.

Com isso, Nogueira (2020) entende o racismo religioso como uma prática que condena, invisibiliza e deslegitima todas as crenças que se vinculam a uma cosmovisão afro, indígena, árabe, caribenha, enfim, todas as cosmovisões dissidentes diante do branco-europeu-colonizador. O racismo religioso, ataca através de narrativas e ações violentas os grupos alvos de sua perseguição, buscando destruir, incriminar e malfazer tudo que se vincula a religião direcionada, como as origens, indumentárias, líderes religiosos, rituais, práticas e espaços de fé (NOGUEIRA, 2020).

Diante dessa contextualização conceitual, para exposição neste texto foram separados 16 casos de racismo religioso fruto do levantamento mais extenso que compôs a pesquisa de mestrado, que analisou 49 casos dessa natureza. Os casos expostos aqui são frutos de denúncias feitas pelo movimento indígena Guarani e Kaiowá através de suas redes sociais, nas páginas da Kuñangue Aty Guasu (10 casos) e do movimento Mídia Kaiowá (6 casos).

Os casos de racismo religioso expostos por estes perfis reúnem situações de incêndio de Casas de Reza tradicionais, situações de ameaças e perseguições aos rezadores e rezadoras e ainda aqueles que são os casos mais graves acessados pela pesquisa, que foi o assassinato de um casal de rezadores, após uma série de ameaças contra eles e suas práticas espirituais. A seguir, dispostos na Tabela 01 optou-se por trazer a transcrição literal dos relatos de cada um dos 16 anos, conforme constam nas páginas utilizadas como fonte de dados.

Tabela 01: Casos de racismo religioso contra comunidades Guarani e Kaiowá denunciados pelas redes sociais do movimento indígena

Fonte	Data	Descrição do Caso de racismo religioso
@kunangueatyguasu	19/10/2021	Mais uma casa de cura, um espaço tradicional, uma casa de reza, ogusu/oga pysy foi incendiada criminosamente às 23h do dia 19 de outubro de 2021. A casa aos cuidados da rezadeira Nhandesy Martina do povo Kaiowá foi inaugurada em agosto deste ano no Tekoha Rancho Jacaré, município de Laguna Carapã-MS. Antes de completar dois meses de inauguração, foi incendiada criminosamente. Nossos sonhos, nossas vivências, nossas ancestralidade estão em chamas.
@kunangueatyguasu	29/12/2021	O espaço sagrado foi queimado criminosamente em 29 de Dezembro/21, e como conseguem ver, na frente da casa ainda tem as madeiras da casa de reza anterior que virou cinzas/carvão. No momento de queimada as famílias: crianças e idosas se encontravam dormindo no interior da casa de reza. Conseguiram escapar do incêndio criminoso. A oga pysy /casa de reza é patrimônio coletivo da religião do povo Guarani-Kaiowá, a religião Guarani-Kaiowá está sofrendo ameaça frequente de intolerância religiosa. Diante do fato pedimos a investigação do fato pela polícia federal e MPF. Os rezadores/as Nhanderu e Nhandesy sofrem cerco de ameaça de morte por praticar religião do povo Guarani-Kaiowá. Em 2021 foram incendiadas 5 oga pysy- casas de reza Guarani-Kaiowá. Mais uma vez reforçamos a solicitação de investigação séria para punir os mandantes e autores dos crimes cometidos contra o patrimônio coletivo do Kaiowá.
@kunangueatyguasu	14/08/2023	Vítimas de mais um ataque de pistoleiros. Indígenas tiveram seus barracos e Casas de Reza queimados e as famílias perderam seus pertences com o fogo.
@kunangueatyguasu	18/09/2023	Hoje, recebemos a notícia de um casal queimado vivo em sua casa de reza no Mato Grosso do Sul. Estamos falando aqui do assassinato de anciãos rezadores desse povo de luta. É preciso enfrentar o racismo e garantir o nosso direito a espiritualidade. Nhandesy Sebastiana e seu companheiro Nhanderu Rufino foram executados criminosamente. As vítimas viviam no território de Guasuty, Município de Aral Moreira em Mato Grosso do Sul.
@kunangueatyguasu	02/01/2024	Pela segunda vez a casa de reza da Nhandesy Terezinha, localizada no território de Itay, município de Douradina foi incendiada criminosamente em menos de dois anos. Enquanto o judiciário do MS não tratar as situações de perseguição, discurso de ódio, ameaças às casas de rezas, as rezadeiras e rezadores, as queimas das casas e objetos sagrados como CRIME, INTOLERÂNCIA RELIGIOSA e RACISMO RELIGIOSO, vai seguir as impunidades das igrejas contra o nosso sagrado!
@kunangueatyguasu	06/10/2023	A Kuñangue Aty Guasu apurou as informações sobre mais uma vítima de racismo religioso e intolerância religiosa no Território de Limão Verde, Amambai/MS. As primeiras informações que chegaram foi que a vítima é filho do rezador que faleceu esse ano, nosso avô Atanà, grande guardião de nossa sagrada reza kaiowa. As informações foi que a vítima foi violentado pelas lideranças internas daquele território, que são em grande maioria crentes das igrejas da TI Limão Verde, Amambai/MS. Apuramos ainda mais o fato, soubemos que ele foi encaminhado para o hospital, e foi acusado pelas lideranças do roubo de um botijão de gaz, os mesmos crentes invadiram a casa dele e quebraram todo os objetos sagrados que ele é o guardião, assim como ele foi violentado pelas lideranças locais (crentes das igrejas).

O RACISMO RELIGIOSO E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 19 volume 2. Ano: 2025 - ISSN: 1982-3800



@kunangueatyguasu	23/10/2023	A Nandesy Tereza Martins, 87 anos, do povo Guarani Nhandeva, residente no Território de Bororó, Município de Dourados/MS, está sob ameaça de morte e sua casa tradicional está correndo o risco de ser incendiada criminosamente. O acusado foi duas vezes na casa dela, fazendo inúmeras ameaças verbais carregadas de fundamentalismo religioso.
@kunangueatyguasu	02/01/2024	A Nandesy Terezinha de Itay, já idosa, se encontra com a saúde bem debilitada desde a queima da casa de reza em dezembro de 2021, onde as ameaças continuam, até de queimarem ela viva!!
@midiakaiowa	20/08/2021	Nota urgente dos Conselhos Kaiowá e Guarani! Com muito pesar, divulgamos que a casa do rezador Kaiowá de Rancho Jacaré, Cassiano Romero de 92 anos, foi totalmente incendiada. Ele vinha sofrendo ameaças e já chegou a ser espancado até próximo da morte. Atualmente está somente com a roupa do corpo e documentos. O acontecimento foi na aldeia Rancho Jacaré, município Laguna Carapã-Ms.
@midiakaiowa	06/09/2021	No dia 06/09/21, por volta das 11 horas, de manhã, um grupo de segurança particular dos fazendeiros atacou e incendiou a casa da família de Rezadores tradicionais da comunidade Guarani e Kaiowá localizada no tekoha Avaete, município de Dourados-Ms, as lideranças sofrem ameaça de morte promovida pelos fazendeiros de região de Dourados.
@midiakaiowa	16/09/2021	Ameaça de queimar a Casa de Reza de Dona Kunha Yvoty, nhandesy. Estamos dando todo apoio a dona Lulu @kunhayvoty pela coragem em denunciar às perseguições que tem sofrido, às ameaças de queimar sua casa medicinal, e ela não está sozinha. Ela não só é perseguida por ser rezadora e parteira, mas também porque é mulher e todas as mulheres que dão apoio a ela automaticamente começam a ser atacadas e perseguidas. Data: 16/09/2021.
@midiakaiowa	02/10/2021	É com lágrimas nos olhos que estamos aqui mais uma vez expondo e denunciando um dos ataques às nossas casas de rezas. Essa era o Ogusu Apykai na aldeia indígena Guapoy, de Amambai-MS. Nós acompanhamos a construção dela, uma das Rezadoras e Parteiras @kunhayvoty foi quem doou o sapê para que pudesse ter o acabamento. Vimos os companheiros felizes ao construir, o sorriso no rosto, sonhavam com o primeiro nhembo'e, guaxire que iam realizar dentro dessa casa de reza. Mas tudo isso hoje se encontra em cinzas, apenas na memória; ela chegou a ser inaugurada, porém não chegou a ficar de pé 1 ano, por causa de intolerância, ameaças e perseguições que sofreu, desde sua construção e agora que já se encontra em cinzas.
@midiakaiowa	11/10/2021	A casa de reza do Nhanderu Emiliano, Aldeia Amambai, também ameaçada para ser queimada. Somos livres para seguir qualquer religiosidade, que independente de tudo te faça feliz e te faça respeitar as demais crenças e religiões.
@midiakaiowa	10/11/2023	Mais uma casa de reza foi queimado hoje pela perseguição da intolerância religiosa nossa saberes tradicional. Desta vez foi Tekoha taajasu município de Rio brilhante MS. Além de violação de direitos humanos que passamos dia a dia nosso rezadores também são perseguidos.
@kunangueatyguasu	18/09/2023	Amanhecemos hoje com a notícia do incêndio criminoso que resultou na morte/assassinato da Nandesy Sebastiana e seu companheiro Nhanderu Rufino. As primeiras informações é que ambos foram executados criminosamente, consequências de umas séries de discursos de ódio, a intolerância religiosa e o racismo religioso recorrente nos territórios Kaiowá e Guarani com o avanço desenfreado das religiões neopentecostais em nossas terras.

Fonte: Dados levantados pelos autores em fevereiro de 2024. Elaboração: Os autores.

O RACISMO RELIGIOSO E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 19 volume 2. Ano: 2025 - ISSN: 1982-3800



O CONCEITO DE INTERCULTURALIDADE CRÍTICA

Melià (2002) aponta que a consciência da diversidade, daquele que é diferente, é o primeiro passo para a consciência social de um grupo, de modo que ao tomar consciência do Outro, toma também de si. Este autor acentua que a partir dessa tomada de consciência as culturas “que se encontram” tendem a comunicar-se, interagir. E é nesse ponto que entra a noção de interculturalidade.

Clérico, Leite e Gaspar (2020) apontam que a interculturalidade é a concepção que dá valor e acentua as diferenças e o pluralismo em vez de condená-la, propondo uma convivência em integração e aprendendo com as diferenças, de modo que uma perspectiva intercultural precisa ser baseada e, princípios de respeito, igualdade e tolerância entre diferentes grupos étnicos e culturais.

Esta corrente visa o reconhecimento positivo de toda cultura em si mesma e isso implica em distanciar-se criticamente do etnocentrismo e do relativismo cultural, buscando superar suas limitações. De fato, apresenta um projeto de transformação da sociedade ao questionar, sem cair no relativismo, os princípios e fundamentos da “nossa cultura”, para entrar em diálogo com as “outras culturas”. Não evita a análise estrutural da sociedade, em seus aspectos econômicos, políticos e ideológicos, destacando que as diferenças culturais não podem ser um alibi para justificar as desigualdades e desvantagens de qualquer tipo (CLÉRICO; LEITE; GASPAR, 2020, p. 28).

Essa valorização, dada as diferenças, permite o olhar o Outro e o diferente como *potência*, de forma a não olhar as diferenças culturais como um obstáculo, mas, sim, como um enriquecimento. A perspectiva intercultural se opõe ao assimilacionismo que impera em muitos âmbitos sociais, em que ocorre a supressão de culturas por outras. Apesar disso, Meliá (2002), contudo, provoca que nas sociedades contemporâneas essa interculturalidade da “boa convivência” na maioria dos momentos é vista apenas enquanto teoria, não se efetivando nas práticas sociais de fato.

Nesse aspecto, cabe refletir em que pensar as relações culturais a partir da interculturalidade não se presume igualdade, sobretudo, diante da crescente de discursos anti-imigratórios e racistas, de forma que se deve questionar até onde realmente vai a aplicação e sua efetividade nos dias de hoje.

Cavalcante (2017) provoca ao questionar como pensar interculturalidade em um país como o Brasil que foi forjado historicamente na destruição e apagamento negro e indígena? O autor relembra que ao longo de toda a história brasileira, desde o período colonial até o Estado

moderno brasileiro, por muito momentos foi adotada uma postura oficial de assimilacionismo dos povos indígenas. Oficialmente essa postura é alterada somente com a constituinte de 1988, porém, no campo da *praxis* e da realidade destes grupos, a invisibilização e descredibilização de suas culturas e modos de ser são constantes nos dias de hoje.

Diante desse questionamento, Walsh (2007) postula aquilo que ela denomina de interculturalidade crítica, que se propõe a questionar as causas das assimetrias de poder que atravessam as culturas. Esse percurso subverte a lógica moderna e liberal de que as culturas que passam a habitar os mesmos espaços no mundo globalizado estejam na mesma prateleira no campo histórico e de possibilidades materiais.

Nesse prisma, a autora propõe a interculturalidade crítica, que na sua perspectiva não pode ser desvinculada de uma postura descolonial e completamente aversa a ideia liberal do termo. Para a autora, a interculturalidade crítica representa uma “ruptura epistêmica” com as noções liberais e modernas de universalização, compreendendo o processo histórico, territorial e social que as culturas subalternizadas passaram e passam sob a égide da colonialidade. Para ela, portanto, pensar nos moldes de uma interculturalidade crítica:

Representa, en cambio, una configuración conceptual, una ruptura epistémica que tiene como base el pasado y el presente, vividos como realidades de dominación, explotación y marginalización, que son si multáneamente constitutivas, como consecuencia de lo que Mignolo ha llamado modernidad/colonialidad. Una configuración conceptual que, al mismo tiempo que construye una respuesta social, política, ética y epistémica para esas realidades que ocurrieron y ocurren, lo hace desde un lugar de enunciación indígena [...]. (WALSH, 2007, p. 50).

Outro autor que questiona a apropriação do conceito de interculturalidade por discursos liberais e dominadores é Estermann (2019), que aponta que essa desvirtuação tente a tirar o peso crítico das relações interculturais, sobretudo, àquelas marcadas pelo histórico de colonização, de forma que utilizar o termo intercultural em práticas sem levar em consideração o peso e a contextualização histórica pode acarretar em um “sequestro” do termo, de forma que ele passa a ter apenas um peso romântico, publicitário.

A colonialidade pode ser entendida como a ordem de poder estabelecida após a invasão europeia, depois do período das grandes navegações e a chegada das nações não-indígenas aos territórios nas Américas, Caribe, Africana, Ásia e Oceania. O estabelecimento dessa ordem de poder se pautou a partir da hegemonia branca-europeia diante de outros povos

e culturas, que passaram a ser suprimidos e desumanizados (QUIJANO, 2009; MIGNOLO, 2010).

Pautando-se naquilo que Quijano (2009) cunha como sendo a colonialidade do ser e do saber, essa ordem de poder passa a hierarquizar a vida e as relações humanas e sociais, de forma a classificar, a partir dos critérios brancos e europeus, a vida e as produções humanas entre aquilo que se volta ao polo do racional, evoluído e humano e lado selvagem, bestial e não-humano. Ao aplicar a humanidade apenas ao mundo branco-europeu e sua fé, sua racionalidade, formas de construir saberes, de viverem o corpo e os afetos, todas as outras culturas contatadas após a invasão passam a ser entendidas como em “estágios inferiores de evolução”, sub-humanos.

Diante dessa lógica de colonial, foi estabelecido o padrão de relações entre culturas de dominação, em que o branco-europeu foi o dominador e as culturas provenientes das áreas invadidas e saqueadas foram os dominados. Esse *modus operandi* que regimentou os séculos de colonização europeia, marcados pela destruição sistemática de culturas, saberes, paradigmas e cosmovisões (MIGNOLO, 2010).

El proceso de “colonización” conlleva siempre un aspecto de asimetría y hegemonía, tanto en lo físico y económico, como en lo cultural y civilizatorio. La potencia “colonizadora” no sólo ocupa territorio ajeno y lo “cultiva”, sino que lleva e impone su propia “cultura” y “civilización”, incluyendo la lengua, religión y las leyes. Si bien es cierto que hubo ya muchas olas de “colonización” antes de la Conquista [...]. La “colonialidad” representa una gran variedad de fenómenos que abarcan toda una serie de fenómenos desde lo psicológico y existencial hasta lo económico y militar, y que tienen una característica común: *la determinación y dominación de uno por otro, de una cultura, cosmovisión, filosofía, religiosidad y un modo de vivir por otros del mismo tipo* (ESTERMANN, 2019, p. 13) [grifos nossos].

Assim, a partir deste ponto, propõe-se discorrer a respeito das contribuições do pensamento descolonial nas críticas ao conceito de interculturalidade. Estermann (2019, um dos autores que o texto recorre neste exercício, pontua o desafio que envolve esse movimento reflexivo. Diante do contexto histórico de dominação, exploração, violação e assimetria de poder existente na colonialidade, é necessário considerar como cada cultura se localiza nessa lógica: dominante ou dominado?

Para o autor, portanto, não se pode desmembrar do debate intercultural latino-americano as heranças que a colonialidade acarretou em cada cultura:

**O RACISMO RELIGIOSO E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ
EM MATO GROSSO DO SUL**

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19 volume 2. Ano: 2025 - ISSN: 1982-3800



“Colonialidad” no es el hecho (“neutral”) de que todas y todos somos producto de este proceso humano de la inter-trans-culturación –que es un hecho histórico-, sino que contiene un aspecto analítico y crítico que tiene que ver con involuntariedad, dominación, alienación y asimetría de estructuras políticas, injusticia social, exclusión cultural y marginación geopolítica (ESTERMANN, 2019, p. 4).

Seguindo o pensamento, cabe refletir ainda em que polo das relações de poder da colonialidade cada cultura se encontra, uma vez que a colonialidade é marcada por hierarquização e relações de poder. Nesse sentido, Estermann (2019, p. 18) aponta que a modernidade prega a falsa ideia de universalidade e igualdade das culturas, nunca colocando em voga as relações de poder em seus discursos, que em muitos momentos se tornam em “ingenuidade” e “romantismo”.

Diante do processo de assimilação que marcou o paradigma e a *praxis* de dominação/conquista colonial, autores críticos à perspectiva de interculturalidade, como Walsh (2007) e Estermann (2019) entendem que nesse processo o Outro (o diferente, o *racializado*) só viria a ser tolerado como humano diante de uma humanização aos moldes europeus: dentro da sua língua, da sua religião, da sua produção econômica, da sua forma de se vestir, gestuar, amar e sentir. Nesse ponto, Estermann (2019, p. 7) salienta que diante disso se deu o processo de “conversão civilizatória” que passou a buscar ocidentalizar os idiomas nativos, cristianizar as práticas religiosas e racionalizar as cosmovisões.

Seguindo esse ponto, Estermann (2019) argumenta que a introdução moderna “intercultural” dos povos indígenas fere seus modos de vida tradicionais e suas cosmovisões, visto que são inseridos dentro da lógica de dominação colonial para sucumbir aos seus modos tradicionais de ser e estar, muitas vezes sendo “introduzidos” em uma relação intercultural com o mundo não-indígena em relações capitalistas e de consumo, que não são produtos das raízes culturais e epistemológicas dos povos indígenas latino-americanos.

Diante de todos esses pontos, entende-se que para se realizar uma discussão à respeito de interculturalidade na América Latina se faz necessário que se atenha ao processo histórico colonial que lhe sucedeu, bem como a tomada de consciência dos efeitos perversos da colonialidade, suas estruturas de dominação e relações de poder. Nesse campo, Stermann (2019) enuncia que um discurso de interculturalidade nesse contexto que não propõe uma discussão descolonial pode cair no engano de lê-la a partir de uma experiência pessoal ou esvaziada de crítica e justiça social. Assim, para haver uma discussão efetiva sobre

interculturalidade, os efeitos nefastos da colonialidade sobre as culturas dominadas precisam ser postos em consideração.

Nesse ponto, indo de encontro com o que pensa Cavalcante (2019), é necessário pensar em interculturalidade somente com uma perspectiva crítica, ou seja, quando ela se localizar na posição de uma atuação anti-hegemônica, descolonial e anticolonial. Assim, as contribuições à respeito da interculturalidade crítica aplicada ao contexto latino-americano, como apresentadas por Walsh (2007) e Estermann (2019) se torna um importante caminho teórico e conceitual para se analisar à respeito dos casos de racismo religioso vivenciados pelos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul, um povo que historicamente foi desterritorializado de seus territórios sagrados e que convivem cotidianamente com os efeitos nefastos da colonialidade em suas vidas.

Desse modo, a partir do próximo tópico busca-se refletir por meio da interculturalidade crítica quanto aos efeitos e conformações do racismo religioso entre este grupo, primeiramente explorando a atuação da *Kuñangue Aty Guasu* na divulgação e combate a estes casos no interior dos territórios. Após isso, o trabalho se propõe a analisar as nuances interculturais presentes nas figuras de rezadores tradicionais deste povo.

A ATUAÇÃO INTERCULTURAL DA KUÑANGUE ATY GUASU

Fundada em 2006 no território de Nhanderu Marangatu, no município de Antônio João-MS, a *Kuñangue Aty Guasu* – Grande Assembleia das Mulheres Guarani e Kaiowá - é uma organização política que atua na defesa territorial e das mulheres Guarani e Kaiowá em Mato Grosso. A atuação desse coletivo se volta nas mais variadas faces, na defesa dos direitos do seu povo e na luta pela terra. Por meio de uma constante atuação junto aos territórios, corpo jurídico e de marketing, a *Kuñangue* auxilia mulheres vítimas de violência, inclusive rezadoras, além de ser um importante expoente de denúncia dos Guarani e Kaiowá à respeito das violações de direitos que sofrem, especialmente nas situações de racismo religioso, tema deste texto.

Essa atuação de denúncia e exposição se dá nos mais variados âmbitos, seja na articulação de manifestações, na organização de eventos – como as Assembleias das Mulheres Guarani e Kaiowá que ocorrem anualmente, cada edição em um *tekoha* diferente -, na participação e articulação com movimentos nacionais, como a Marcha das Mulheres

Indígenas e a ANMIGA (Articulação Nacional das Mulheres Indígenas), na produção de documentos de denúncia e exposição das situações vivenciadas nos *tekoha*, na cobrança junto à órgãos do Estado e naquela que é o foco deste trabalho, atuação constante nas redes sociais denunciando e expondo às violações de direitos vividas pelo seu povo.

Rubbo (2023, p. 45) aponta que este coletivo de mulheres:

Emerge como força social com demandas seculares como o território indígena e reivindica a vivência do seu modo de vida cada vez mais desmembrado e solapado pela espoliação da acumulação capitalista do agronegócio. Caracterizada por um forte caráter sociopolítico e cultural, as mulheres Kaiowá e Guaraní realizam uma luta comum semelhante aos diversos movimentos populares anticapitalistas: buscam igualdade, justiça social e reconhecimento contra toda forma de exploração, dominação e opressão. Verdadeiras párias da terra, atualmente as mulheres indígenas no Mato Grosso do Sul são o motor da luta de classe da região.

Foletto (2018) define o midiativismo como a forma que os grupos sociais e indivíduos – antes sem espaço de “mídia” – foram alavancados com as possibilidades da internet na criação e partilha de seus próprios relatos, histórias, reivindicações e protestos para o maior número possível de pessoas, não mais sendo dependentes da exposição das mídias tradicionais para isso. Isso abre espaço para que coletivos e movimentos de causas sociais, como a *Kuñangue Aty Guasu*, atuem de forma independente e diretamente com o público em geral, sendo assim porta-voz das próprias ações e podendo decidir a forma de comunicar e expor suas lutas.

Para pensar que a atuação dos coletivos indígenas Guaraní e Kaiowá nas redes sociais essencialmente reflete a realidade social e material destes grupos, que veem na potência das redes sociais – no alcance *possível* para diversas pessoas no globo, nas viralizações e compartilhamentos ilimitados – mais uma forma de fortalecer a luta que realizam em seus *tekoha*.

Nesse prisma, Steffen (2008), amparado em Perriault (1991) entende que as tecnologias digitais adquirem sentido quando atribuídas de usos sociais, sendo passíveis de constituir uma capacidade simbólica. Para os autores, nesse ponto pode-se pensar que o caráter simbólico das tecnologias digitais é atribuído pelo fator humano que o manipula, sendo, portanto, carregados de marcas identitárias e subjetivas dos grupos ou indivíduos que os manipulam e os utilizam como ferramenta de comunicação social (PERRIAULT; 1991 *apud* STEFFEN, 2008).

O RACISMO RELIGIOSO E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19 volume 2. Ano: 2025 - ISSN: 1982-3800



O autor continua sua argumentação apontando que a partir da relação e interação das tecnologias os sujeitos encontram um importante canal de *projeção* de seus mundos internos e realidades sociais. Ele, então, acentua que “o eu se projeta numa metamorfose digital interativa, manifestando e dando roupagem às suas subjetividades, que se projetam e se manifestam em estratégias de uso e manipulação das tecnologias” (STEFFEN, 2008, p. 145).

As redes sociais não são constructos deslocados da realidade social, como se fossem um mundo à parte, mas pelo contrário são reflexos das relações humanas e sociais, um reflexo e projeção delas, “sendo formadas pelas culturas” (STEFFEN, 2008, p. 146). Nesse sentido, o mesmo autor defende que:

A internet não é uma mídia isolada, mas que existe, ganha sentido a partir dos usos sociais que dela são feitos. Logo, os processos dos usuários no espaço digital, tensionados e influenciados pelos diversos processos e pelas instâncias sociais, irão se projetar e se fazer presentes nesse espaço, refletindo a cultura e os fazeres desses usuários e campos. Ora, como vimos, a internet evoluiu de um meio para armazenamento, circulação e recuperação de dados e informações para suportar diferenciadas práticas simbólicas e discursivas pelas incidências de diferentes atores e campos (STEFFEN, 2008, p. 148).

A partir dessa exposição, pode-se pensar que as vidas indígenas dos Guarani e Kaiowá, marcadas ontologicamente pela luta em defesa de seus territórios e seu modo de vida tradicional, encontram nas redes sociais mais uma forma de projetar esse contexto de luta. Assim, existências que habitam o mundo a partir de luta e resistência, que r-existem ao afirmarem suas identidades, projetam no uso das redes sociais essa forma particular de ser e estar no mundo. Assim, vidas de resistência tornam as redes sociais instrumento de resistência também e uma ferramenta alinhada na luta pela terra e por seus direitos.

Pensando no caráter de contato de subjetividades que Steffen (2008) aponta existir nas tecnologias digitais, os Guarani e Kaiowá fazem do seu uso das redes sociais em páginas como a Kuñangue Aty Guasu uma forma de afirmação identitária, mas também uma forma de expor seu contexto de luta, espoliação, desterritorialização, mostrando assim ao não-indígena sua identidade de luta. Dessa maneira, a atuação nas redes sociais se mostra como mais uma forma de levantar apoio às causas indígenas e também mobilizar pessoas que desconhecem a realidade dos Guarani e Kaiowá a ter contato com suas vivências cotidianas em seus *tekoha*.

É possível pensar, ainda, o caráter intercultural da ação dos movimentos Guarani e Kaiowá com as redes sociais na exposição dos casos de racismo religioso, uma vez que em

uma espécie de comunicação de culturas (MELIÁ, 2002) passam a expôr suas realidades também para não-indígenas. Nas publicações, atesta-se a busca pelos coletivos se conscientizarem e educarem os leitores não-indígenas das mazelas e situações de vulnerabilidade social e territorial que vivem os Guarani e Kaiowá, situações essas ocasionadas pela colonialidade que os desterritorializa para o “desenvolvimento”, baseado no neoextrativismo, da sociedade branca.

A INTERCULTURALIDADE PRESENTE ENTRE OS REZADORES TRADICIONAIS E SUAS RELAÇÕES COM AS IGREJAS EVANGÉLICAS

Durante o trabalho de campo na Aldeia Tey Kuê, em Caarapó-MS, visitou-se a pastora Guarani e Kaiowá Dona Mariana, uma senhora de 52 anos. Na ocasião, ela contou que desde muito cedo aprendeu os saberes tradicionais de sua mãe, e já com 12 anos de idade sabia todas as rezas ensinadas por seus ancestrais, rezas estas que conserva até os dias atuais. Ela relata que se converteu ao cristianismo em abril de 1994, aos 21 anos, após se curar de um câncer tido como “incurável” por um médico, durante um culto em uma igreja Deus é Amor em Campo Grande-MS. Atualmente ela professa a fé da Igreja Assembleia de Deus.

A fé de Dona Mariana e seu empenho junto a sua igreja fizeram com que ela construísse em seu terreno, a poucos metros de sua casa, uma simples igreja de alvenaria para realizar os cultos, que ocorrem às terças, quintas, sábados e domingo. Ela conta que o espaço foi construído de forma coletiva, com mão de obra e recursos financeiros dos próprios fiéis.

Embora tenha bastante fervor na fé professada pela Igreja Assembleia de Deus, Dona Mariana diz que jamais vai deixar de ser Guarani e Kaiowá e abandonar sua cultura: “nunca vou abandonar minha cultura, ainda sei todas as rezas que aprendi quando era criança, só não pratico... Eu sou Guarani Kaiowá”. Quando a pergunto sobre seu papel junto a sua comunidade, ela explica: “sou pastora, conselheira, conselheira dos mais jovens, muitos me pedem conselhos quando passam por problemas, também ensino sobre os remédios naturais... as plantas”. É notável que apesar de estar há mais de 30 anos convertida ao cristianismo e inserida nas igrejas evangélicas, Dona Mariana ainda carrega em sua *corporalidade* seu traço mais significativo: ser uma mulher Guarani e Kaiowá.

Ao assumir a posição de conselheira e detentora dos saberes ancestrais sobre as plantas medicinais, Dona Mariana assume em si mesmo um *conflito de corporalidade*: uma

pastora neopentecostal que *receita* aos seus fiéis plantas e remédios tradicionais, conforme os seus ancestrais ensinaram. A sua expressão enquanto Guarani e Kaiowá ainda se mostra nos artesanatos tradicionais que fabrica: “é o que ocupa minha mente, nunca vou deixar de fazer, nunca vou abandonar minha cultura” (Dona Mariana, durante trabalho de campo na Aldeia Tey Kuê, em Caarapó-MS, em 10 de junho de 2025).

É interessante observar ainda que o *conflito* expresso neste trabalho possui nuances tão complexas que adentra até mesmo as famílias. No caso da família de Dona Mariana, ela professa a fé evangélica, enquanto seu esposo é seguidor e praticante da espiritualidade tradicional: “Vivemos bem assim, não brigamos... Ela faz as coisas dela e eu as minhas... A gente se respeita, eu até ajudo ela no que ela precisa... Eu só não participo dos cultos, é muito pancadão e muito *berração*... isso que não gosto” (Seu Eloy, durante trabalho de campo na Aldeia Tey Kuê, em Caarapó-MS, em 10 de junho de 2025).

A noção de *conflito de corporalidades* também pode ser observada no trabalho de campo junto ao rezador Lídio, no *tekoha* Bupery, em Caarapó-MS. Na oportunidade, o rezador nos recebeu portando um crucifixo em seu pescoço – adereço da fé cristã-católica -, embora em todo o momento da visita se intitulou como rezador tradicional Guarani e Kaiowá, *ñanderu*. Quando o questionei sobre o uso do adereço, ele respondeu: “Esse aqui [pegando a cruz do crucifixo] é o mesmo desse aqui [apontando para o *xiru*]... É a mesma coisa, quem briga e fala que não, é porque não sabe... Por isso eu uso” (*Nhanderu* Lídio, durante trabalho de campo no *tekoha* Bupey, na Aldeia Tey Kuê, em Caarapó-MS, em 10 de junho de 2025). É interessante observar a perspectiva do rezador que faz uma leitura *holística* a respeito dos símbolos religiosos *karai* e Guarani e Kaiowá, os interpretando como inerentes a um mesmo fenômeno e dotados dos mesmos significados. Contudo, o que se busca evidenciar aqui é como o crucifixo se porta na *corporalidade* do rezador, de forma que o corpo que reza e canta a espiritualidade tradicional Kaiowá também traja um importante elemento da fé cristã, mesmo que simbolicamente ressignificado pelo rezador.

Durante o campo verificou-se o aspecto intercultural presente, seja na igreja de Dona Mariana, envolta das matas de seu *tekoha* e com panfletos da “Campanha da Prosperidade” em seu interior, seja na figura de Seu Lídio e seu crucifixo ressignificado como uma símbolo de um *xiru* tradicional.

Figura 01: Fachada da Igreja Assembleia de Deus, administrada pela Dona Mariana e folheto em seu interior



Fonte: Trabalho de Campo realizado na Aldeia Tey Kuê, em Caarapó-MS, em 10 de junho de 2025.

A interculturalidade também é evidenciada na atuação das igrejas evangélicas neopentecostais no interior das reservas indígenas Guarani e Kaiowá. A atuação de segmentos cristãos entre este grupo começou ainda na primeira metade do século XX com a instalação da Missão Evangélica Caiuá – MEC nas aldeias de Dourados e Amambai. Após décadas de atuação, esses agrupamentos causaram alterações significativas no modo de vida destes grupos, abrindo-os para práticas e percepções cristãs.

É nesse cenário que ao longo das décadas de 1980 e 1990, diversas igrejas evangélicas pentecostais passam a atuar no interior das reservas, atraindo fiéis que não se identificavam mais com os preceitos da MEC e que já não praticavam os ritos tradicionais, praticados pelos rezadores. A atuação dessas igrejas se intensificou ao longo dos anos 2000 e atualmente se encontram instaladas em praticamente todos os territórios Guarani e Kaiowá no sul de Mato Grosso do Sul.

Durante trabalho de campo no *tekoha* Tey Kuê, município de Caarapó-MS, o pesquisador indígena Guarani e Kaiowá Elemir Soare Martins salientou que a partir de levantamentos próprios identificou a presença de 26 igrejas evangélicas neopentecostais no

**O RACISMO RELIGIOSO E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ
EM MATO GROSSO DO SUL**

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 19 volume 2. Ano: 2025 - ISSN: 1982-3800



interior da aldeia, 15 delas da agremiação Deus é Amor. O pesquisador aponta que essa igreja foi a primeira a se instalar no interior da reserva, no ano de 1994, acompanhada logo em seguida pela Igreja Último Tempo, no mesmo ano.

Quanto ao aspecto intercultural presente na relação das igrejas evangélicas com os indígenas Guarani e Kaiowá, o pesquisador elencou 3 características dos grupos evangélicos que atuam nos seus territórios: os evangélicos “tradicionais”, composto por pastores não indígenas, os evangélicos *maguare*, que já possuem pastores indígenas e que são mais rígidos e fundamentalistas quanto as crenças pentecostais, e os evangélicos *koangagua*, que são grupos evangélicos indígenas mais flexíveis quanto as doutrinas, crenças e comportamentos dos fiéis, como um menor controle quanto as vestimentas e o corpo da mulher, por exemplo.

A pesquisa de mestrado que fundamenta este artigo demonstrou uma importante relação dos casos de racismo religioso expostos na Tabela 01 com os membros de igrejas evangélicas neopentecostais. Dos 11 casos em que o trabalho conseguiu ter acesso a informação das fontes, 9 (81,8%) tinham como autores membros de igrejas. Essa relação já havia sido explorada pela Kuñangue Aty Guasu (2022; 2023) em dois documentos produzidos pela entidade denunciando o racismo religioso:

Os grandes chefes dessas igrejas com extensão nos territórios indígenas Kaiowá e Guarani e os chefes em territórios que praticam esses atos contra o nosso modo tradicional devem ser investigados pela relatada demonização dos modos de vida tradicionais Kaiowá e Guarani seguida por ataques violentos contra o nosso modo tradicional e os lugares onde o exercemos – como as casas de reza. Os indícios sugerem que eles são responsáveis pela formação valorativa dos fiéis que estão agindo contra as mulheres tradicionais, em especial as que mantêm a cultura indígena viva: as *nhandesy*, que de acordo com relatos colhidos em campo, se referem a elas como “bruxas” e por isso, deveriam ser mortas (KUÑANGUE ATY GUASU, 2022, p. 15).

Diante disso, todas essas formas de luta e de validação de suas demandas demonstram que os Guarani e Kaiowá atuam em face de uma verdadeira interculturalidade crítica, sempre levando em consideração em seus discursos o processo histórico de violência, perseguição e desterritorialização que viveram e vivem no Mato Grosso do Sul. Assim, a busca dos Guarani e Kaiowá é a evidenciação de sua luta diante dos não-indígenas, mas não somente isso, como também a garantia de direitos e a segurança de seus modos de vida e da cosmovisão, se aproximando daquilo que Meliá (2002) aponta como comunicação inter-

culturas. Essa cosmovisão espiritual, da reza, do canto e até do luto, é fundamental na relação com a natureza para os Guarani e Kaiowá (como os não-humanos), e na relação com os humanos. Assim, a construção de territórios de mais tolerância pode ser uma maneira da elaboração de uma interculturalidade crítica.

CONCLUSÃO

Verifica-se que a atuação da Kuñangue Aty Guasu na divulgação de casos de racismo religioso sofridos pelo seu povo representa, de forma bastante importante, um aspecto da interculturalidade crítica, uma vez que age na busca de conscientizar o não-indígena dos efeitos nefastos e devastadores que a colonialidade acarreta em suas vidas. A divulgação através das redes sociais das situações de violência e violação de direitos vividas por estes grupos aparece como um importante meio de territorialização do digital e de alcance para os mais variados públicos da situação vivida por estes grupos em seus territórios.

A busca etnográfica nas mídias digitais e redes sociais se mostra como um interessante campo a ser mais explorado e desenvolvido pelas pesquisas em ciências humanas, pois conforme exposto pela literatura abordada no texto, as redes sociais representam um reflexo da sociedade e dos conflitos que nela existem.

É possível verificar ainda que a atuação dos rezadores tradicionais é atravessada por essa relação inter-culturas, seja na aquisição e inclementação de símbolos religiosos não-indígenas, seja na atuação entre as duas culturas como pastora e benzedeira, seja na luta e combate às ações de ataque e violência vindo dos não-indígenas.

O conceito de interculturalidade crítica se mostra bastante potente e abre um importante leque para discutir as relações interculturais no contexto latino americano, sobretudo, quanto aos povos indígenas e populações tradicionais. Os autores utilizados se mostraram eficazes de ler e interpretar a realidade de vulnerabilidades e desterritorialização vivenciadas pelos povos indígenas latino americanos, permitindo jogar luz, por meio de tais autores, também, para o contexto dos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul.

Por fim, é possível refletir que no caso dos Guarani e Kaiowá a interculturalidade é utilizada também como uma forma de resistência e de luta, sendo um caminho de construir pontes e articulações com não-indígenas e a sociedade no geral à respeito da importância de suas pautas e da construção de um diálogo contra a violência colonial que não violenta

somente os indígenas. É possível ver, inclusive, um importante movimento de adaptação dos Guarani e Kaiowpa quanto à isso no que diz respeito à realização de *posts* escritos e documentos escritos em língua portuguesa, visto que a cultura e forma de transmissão de conhecimento dos Guarani e Kaiowá é oral.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.
- CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida; SILVA, Taline Cristina da; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar? In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; *et al* (orgs.). **Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia**. Recife: Nupeea, 2021, p. 95-112.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. A Interculturalidade Crítica como possibilidade para um diálogo sobre as territorialidades no Brasil. **Tellus**, Campo Grande, v. 17, n. 32, p. 85-101, 2017.
- CLÉRICO, Gracia Maria; LEITE, Roberta Vasconcelos; GASPAR, Yuri Elias. Diversidade cultural e igualdade humana: uma nova classificação de perspectivas interculturais. **Memorandum**: Belo Horizonte, v. 37, [s/n], p. 1-35, 2020.
- ESTERMANN, Josef. Colonialidad, descolonización e interculturalidad. **Polis**: online, v. 38, [s/n], p. 1-19, 2014.
- FERRAZ, C. P. A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online. **Aurora Revista de Arte, Mídia e Política**: São Paulo, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.
- FOLETTTO, Leonardo Feltrin. Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 95-110.
- KUÑANGUE ATY GUASU. Intolerância religiosa, racismo religioso e casas de rezas Kaiowá e Guarani queimadas. **Kuñangue Aty Guasu**: Dourados-MS, fev. 2022.
- KUÑANGUE ATY GUASU. O racismo e intolerância religiosa: as sequelas de invasões (neo)pentecostais nos Corpos Territórios das Mulheres Kaiowá e Guarani/MS - edição 2022/2023. **Kuñangue Aty Guasu**: Mato Grosso do Sul, jun. 2023.
- MELIÀ, Bartomeu. Diversidade cultural e educação intercultural. **Tellus**: Campo Grande, v. 2, n. 3, p. 75-85, 2002.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica**: retórica de la modernida, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.
- MINAYO, M.C.S.; *et al*. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SOUZA SANTOS, B.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, p. 73-118, 2009.

RUBBO, Deni Alfaro. O sentipensante da Kuñangue Aty Guasu, esperança agônica e ética comunitária. **Accion Colectiva**: Buenos Aires, [s/v], n. 36, p. 44-47, 2023.

STEFFEN, Cesar. Espaços digitais: a territorialidade midiática. **Conexão: Comunicação e cultura**: Caxias do Sul-RS, v. 7, n. 14, p. 141-151, 2008.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; ROSFOGUEL, R. (Ed.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.